

Caterina Benelli



Università degli Studi di Messina (UNIME) -
Itália.

caterina.benelli@unime.it

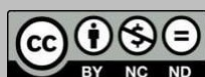
Submetido em: 09/02/2022

Aceito em: 30/03/2022

Publicado em: 27/04/2022



[10.28998/2175-6600.2022v14n34p37-47](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n34p37-47)



EDUCAR COM HISTÓRIAS: NARRATIVA E ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA EDUCATIVA COM CRIANÇAS

RESUMO

A contribuição pretende evidenciar a temática da prática da narrativa e da autoescrita como atividade educativa e didática dirigida, em particular, a meninas e meninos. A pedagogia da autobiografia tratou da infância apenas dos últimos anos, pois desde a década de 80 do Século XX, a pesquisa e a formação autobiográfica se desenvolveram principalmente no campo da educação de adultos. As práticas de narração e escrita autobiográfica, hoje, configura-se como dispositivos nodais para a ativação de percursos educacionais voltados para a reflexividade e maior autoconsciência desde a infância e em todas as idades, com métodos e objetivos diversos.

Palavras-chave: Autobiografia. Narrativa. Educação. Infância.

EDUCATING WITH STORIES: NARRATIVE AND SELF-WRITING AS EDUCATIONAL PRACTICE WITH CHILDREN

ABSTRACT

The contribution intends to highlight the theme of the practice of narration and self-writing as an educational and didactic activity aimed at girls and boys. The pedagogy of autobiography has dealt with the childhood only in recent years, for since the 80s of the twentieth century, autobiographical research and training have developed mainly in the field of adult education. The practices of narration and autobiographical writing today, are configured as nodal devices for the activation of educational paths aimed at reflexivity and greater self-awareness from childhood and at all ages of life, with different methods and objectives.

Keywords: Autobiography. Narrative. Education. Childhood.

EDUCAR CON HISTORIAS: NARRATIVA Y AUTOESCRITURA COMO PRÁCTICA EDUCATIVA CON NIÑOS

RESUMEN

El aporte pretende resaltar el tema de la práctica de la narrativa y la autoescritura como actividad educativa y didáctica dirigida, en particular, a niñas y niños. La pedagogía de la autobiografía se ocupó de la infancia solo en los últimos años, ya que, desde la década de 1980, la investigación y la formación autobiográfica se han desarrollado principalmente en el campo de la educación de adultos. Las prácticas de narración y escritura autobiográfica, hoy, se configuran como dispositivos nodales para la activación de itinerarios educativos orientados a la reflexividad y mayor autoconciencia desde la niñez y en todas las edades, con diferentes métodos y objetivos.

Palabras clave: Autobiografía. Narrativa. Educación. Infancia.

1 NARRAR, ESCREVER, TECER¹

1.1 A narrativa autobiográfica como dispositivo educativo

A narrativa é um ato com o qual, em uma determinada situação, alguém conta algo a outro (JEDLOWSKI, 2000) e se apresenta como uma organização de acontecimentos planejados com certa disposição de trazer à tona uma história carregada de sentido: como acontece com a tessitura de uma tela, onde os fios se entrelaçam intencionalmente e se organizam por mãos hábeis. Pensar a narrativa como uma tela onde os fios se entrelaçam, remete ao sentido da recomposição de fragmentos da vida: um verdadeiro trabalho de enquadramento de histórias dentro de um horizonte de sentido. Mesmo a operação de narrativa e de escrita de si é uma ação de fios entrelaçados que compõem uma nova trama, um novo tecido.

Narrar e escrever sobre si mesmo é um pouco como tecer (BENELLI; GIJON, 2020). A narrativa, portanto, tem um valor profundo para os processos formativos e é narrando e ainda mais escrevendo sobre si mesmo, que um indivíduo atribui sentido e significado às suas experiências, graças à postura de cuidado e nova atenção à própria história de vida (BRUNER, 1992; KANEKLIN; SCURATTI, 1998). Por meio do pensamento narrativo (SMORTI, 1994), experiências diversas e distantes no tempo e no espaço, vividas diretamente ou ouvidas, podem ser relacionadas entre si e recolhidas no enredo de uma história. Encontrar um lugar e uma posição para essas diferentes experiências dentro de uma narrativa, implica a busca e o reconhecimento de aspectos que as unem e as diferenciam. Nesse sentido, a narrativa é uma ação criadora de conhecimento; mais especificamente, a narração permite a reelaboração de experiências em pelo menos três níveis: narrativa, compreensão e construção de significado.

O psicoterapeuta Erving Polster (1988) nos dá o valor das narrativas que, ao se entrelaçarem, do comum se tornam extraordinárias, como um fio multicolorido, através de uma escuta acolhedora das histórias dos outros. Por isso, é imprescindível o uso da narrativa, oral e escrita, na educação (e nas várias épocas da vida), que se torna um potencial dispositivo de formação de professores, do educador e, de forma mais geral, dos profissionais das relações de ajuda, para que possam utilizar a palavra narrada e escrita sem perder a escuta e o cuidado da participação ativa das crianças com vistas à aprendizagem múltipla: cognitiva, afetiva e relacional. Assim como a narrativa, a escrita

¹ Traduzido para Língua Portuguesa por Laura Cristina Vieira Pizzi.

de si se move na direção de uma ação cognitiva e reconstrutiva, agora mais incisiva na educação de si.

Nos contextos escolares, educativos, formativos e profissionais, nas últimas décadas frequentemente se recorreu a práticas de tipo autobiográfico. Entre as principais funções das práticas narrativas e autobiográficas, encontramos: a recapitulação (reordenar), reflexão (voltar aos nós e motivações e relê-los à luz do que sei e sou hoje), justificativa (encontrar no passado motivações, justificativas, causas do que estou vivendo hoje), modificação (encontrar na minha história constantes ou práticas recentes que sinto necessidade de modificar observando-a), impulso prospectivo (exploração do passado como forma de identificar motivações e energia para planejar meu futuro) (DRAPERI, 1990).

Duccio Demetrio (1996), em seu primeiro trabalho sobre a questão autobiográfica, define o pensamento autobiográfico como expressão da necessidade de contar de si, de reconstruir, por meio da história, parte de sua vida e de comunicá-la. Há mais de vinte anos, na Itália e na Europa, conhecemos o papel ativo, maiêutico, autorreflexivo e às vezes terapêutico da escrita de si, graças aos estudos de autores como Philippe Lejeune (1986) e outros², que aprofundaram o pedagógico, o literário e o filosófico da autobiografia. A partir desses estudos, foi possível desenvolver percursos pedagógicos internacionalmente pensados com dispositivos dirigidos aos sujeitos que deles participam ainda em idades precoces, constatando a potencialidade do dispositivo para a formação de si dos jovens participantes³.

Com as crianças, as práticas de narrativa e de escrita de si revelam-se atividades necessárias para conceber espaços de educação da escuta, principalmente de si e sucessivamente dos outros: se trata de uma intervenção necessária num momento histórico em que vivemos, em que se torna cada vez mais difícil parar, abrir espaço e redescobrir a profundidade das palavras, seus significados, de preservá-las, valorizando sua história também com o objetivo de facilitar a construção de relações inclusivas no âmbito educacional (FORMENTI; GAMELLI, 1998. DEMETRIO, 2003. MORONI, 2006. BIFFI, 2010).

Certamente, a escrita autobiográfica das crianças é representada por fragmentos e pistas de si que podem ser aceitos como primeiros traços acompanhados e apoiados por

²Ver P. Lejeune, *Il patto autobiografico*, Il Mulino, Bologna, 1986; C. Benelli, *Philippe Lejeune. Una vita per l'autobiografia*, Unicopli, Milano, 2006.

³ Em particular, podemos citar a rica literatura de Duccio Demetrio, ex professor da Universidade de Milan-Bicocca e cofundador da Universidade Livre de Autobiografia de Anghiari: uma associação cultural que atua há vinte anos no território italiano para a produção da cultura, da memória e da autobiografia (www.lua.it).

outras linguagens como o desenho ou outras formas artísticas que favorecem sua expressão.

2 EDUCAR É NARRAR

2.1. Escrita autobiográfica na escola

Durante a infância, assistimos às maiores e mais visíveis mudanças no desenvolvimento do sujeito em crescimento, em particular a entrada no universo da escola, representa para as crianças, como o momento de aprendizagem mais significativo da sua vida. Lidar com essas fases iniciais da vida é cuidar dos que estão em formação, de histórias em crescimento. *Educar é narrar*, diz o título de um volume editado por Duccio Demetrio (DEMETRIO, 2012), em que a narrativa é proposta como ferramenta privilegiada e necessária do processo educativo. Educação e narrativa são palavras em geral tidas como certas, implícitas, mas que lembram a importância de educar por meio de histórias, narrando. A narrativa é um patrimônio imaterial da educação, especialmente para a infância. As histórias narradas, de fato, criam pontes relacionais e estabelecem um vínculo entre as partes e contribuem para a educação para ouvir, relacionar e também prestar atenção às histórias (e mundos) dos outros.

Além disso, as práticas autobiográficas assumem um papel estratégico na autoeducação em termos de: habilidades autorreflexivas, de escuta, de memória e de consciência, ainda nesta fase da vida. Não somente. Essas práticas incidem na didática interdisciplinar, mas também na educação das relações e da alteridade: condições que possibilitam construir um clima de aprendizagem participativa e cooperativa em sala de aula.

Propor um laboratório de autoescrita no ensino fundamental permite vivenciar a escola como um lugar de escuta, de possibilidade de narração autobiográfica e de acolhimento, bem como de aprendizagem, além de favorecer a coesão do grupo ou turma e diminuir os fenômenos de exclusão ou conflitos.

Se esses pontos forem assumidos como questões cruciais na educação e na didática autobiográfica, os objetivos educacionais e didáticos podem ser rastreados até os seguintes pontos:

- Permitir a livre expressão de experiências em contexto de escuta e suspensão de julgamentos;

- Favorecer a expressão escrita como instrumento privilegiado de autonarrativa;
- Promover o surgimento de uma atitude autorreflexiva;
- Facilitar uma escuta respeitosa e participativa;
- Valorizar as histórias de vida de todos e aumentar a autoestima;
- Melhorar as relações do grupo ou turma.

Pensando no sentido da narrativa no contexto da formação de meninos e meninas na escola, podemos reconhecer na própria escola um território, um ambiente privilegiado, onde residem e param histórias, que se entrelaçam e se enriquecem, são co-construídas formando uma tela coletiva: um tecido de histórias diferentes que embelezam a tela de diferenças. O percurso autobiográfico facilita e acompanha o acolhimento das histórias que cada um conta, criando oportunidades de intercâmbio para que as histórias individuais de cada um conheçam as histórias dos outros e a grande história do mundo da qual todos fazemos parte.

Entre os objetivos do dispositivo autobiográfico em sala de aula, vemos que a possibilidade de discutir suas histórias permite que as crianças se sintam parte de uma pequena comunidade de autobiografistas, proprietários de uma história individual e pessoal, digna de ser conhecida, contada e valorizada para ser lembrada.

A escrita de si também pode ser um método formativo e transformador, pois é considerado um processo importante para a construção do sentido da experiência. Por isso, é importante que na escola as crianças e os jovens aprendam a escrever sobre si próprios, os outros e o mundo. Isso ocorre se em sala de aula a circulação de histórias for usual e se for comum e frequente crianças e adultos narrarem e escreverem sobre si e pedirem que os outros o façam. O método autobiográfico faz uso dessas ações formativas-transformativas.

Em coerência com o profundo respeito que este método tem pela originalidade e irrepetibilidade de cada história (DEMETRIO, 2007), também é importante garantir que cada criança, cada jovem e cada adulto da classe possam encontrar a maneira mais “certa” de contar sua história.

A escola cumpre a sua tarefa de acolher as diferenças, oferecendo-se como um lugar para todos, no qual o modelo educativo é comum, embora atento a diferentes subjetividades.

2.2. A função educativa da narrativa autobiográfica

O dispositivo autobiográfico é uma das ferramentas de que dispõe os professores para dar voz às histórias dos pequenos, com o objetivo de os compreender melhor e de fazer com que essa compreensão seja devolvida às crianças como patrimônio identitário. Entre os principais efeitos educacionais, podemos destacar a educação para ouvir a si mesmo; educação em atenção às histórias dos outros; educação para a memória e a lembrança. Cada função tem necessidades específicas, tais como:

a) Educação para ouvir a si mesmo:

- Ouvir a si mesmo, apoiar-se sobre si mesmo;
- Fazer silêncio em um mundo de caos e urgência para praticar a escuta de si;
- Deixar um rastro para se olhar e crescer, para se conhecer.

b) Educação para prestar atenção às histórias dos outros:

- Educar para ouvir, para prestar atenção às histórias e vidas dos outros, para conhecê-los, para uma educação na relação com os outros por si mesmo;
- Participar das histórias de outras pessoas e exercer empatia;
- Colocar-se em comunicação, criar redes.

c) Educação para a memória e ao recordar

- Criar uma ponte entre ontem, hoje e amanhã;
- Fazer parte de uma história e conhecê-la por dentro e por meio de “histórias comuns e corriqueiras”;
- Pesquisar, documentar, guardar histórias;
- Valorizar a singularidade e originalidade das histórias.

3 EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA INTERCULTURAL NA ESCOLA DE PRATO (TOSCANA/ITÁLIA)

3.1. Se conhecer... para estar bem na escola

Para melhor compreender um percurso autobiográfico na escola, relatamos a seguir uma experiência de educação intercultural com meninos e meninas do primeiro ano do ensino fundamental em um território da Itália central, na cidade de Prato na Toscana, uma cidade industrial que se desenvolveu nos anos de 1950/60 do século XX, após o boom econômico e a vocação industrial no setor têxtil. Desde os anos 1980/90, a cidade

também se caracterizou por uma alta densidade de habitantes de origem chinesa vindos de algumas áreas da China em busca de trabalho. Ao longo dos anos, as escolas têm sido capazes de responder de forma inclusiva por meio de um processo de integração social lento, mas sempre presente.

As instituições educacionais e escolares têm promovido e incentivado projetos de inclusão escolar para crianças, jovens e suas famílias, como, por exemplo, o projeto “Conhecer-se... para se sentir bem juntos na escola”⁴. O caminho foi desenvolvido com diferentes métodos de inclusão, entre os quais, o método autobiográfico.

O percurso narrativo autobiográfico denominado “Memória de casa” foi idealizado e realizado por esta escritora, com as contribuições interculturais de educadoras especialistas em metodologias autobiográficas nas classes e dois mediadores linguísticos. A intenção era poder incluir aquelas crianças que permaneceram isoladas e suas famílias, por dificuldades linguísticas e autoexclusão.

Este percurso faz parte do projeto “Conhecer-se... para se sentir bem na escola” e configura-se como uma ação em rede entre as escolas do Município de Prato, desejada e apoiada pela administração municipal do território, para facilitar a comunicação nas aulas com uma maior presença de filhos estrangeiros ou com pais estrangeiros. Nos últimos anos, o projeto de Prato tem sido uma oportunidade para refletir sobre o conceito de educação e sobre o direito e o exercício da cidadania a partir dos meninos e meninas⁵. No percurso “Memórias de casa”, proposto nas seções das crianças dos primeiros anos do ensino fundamental e das turmas do jardim da infância de dois estudantes de Prato, iniciadas no ano letivo de 2016-17, pretendíamos representar a casa como um lugar de afeto, de histórias, da descoberta de histórias, objetos e palavras que fazem dela um espaço vivo e denso de significados: com o termo “casa” entendemos que seja tanto um espaço físico quanto um lugar interior onde “se sente em casa”, familiar e de cuidado educativo.

Nesse sentido, mesmo a escola pode ser um “lar” como um lugar de encontro e entrelaçamento de histórias. Neste caso, desenhamos um percurso narrativo autobiográfico em ambiente escolar que visa a integração e o intercâmbio promovido em grupos com uma classe marcadamente heterogênea em termos de cidadania, com percentagem de mais de 70% de crianças estrangeiras, principalmente de origem chinesa, onde se tornam necessário envolver a turma toda, mas também as famílias,

⁴ O projeto foi lançado em 2016 com a direção da Coordenação Pedagógica do Município de Prato – Serviço Educativo, através de Silvia Anichini e sob a supervisão da Pedagoga especialista em educação intercultural, Graziela Favaro.

⁵ Para aprofundar, ver <http://www2.comune.prato.it/scuola/pagina803.html>

identificando estratégias que permitam aos pais se sentirem parte da comunidade educativa.

O percurso inicia com a busca de histórias de casa e as crianças se definem como “exploradoras de histórias”, que são chamadas a coletar em casa e compartilhar histórias relacionadas aos cômodos da casa, aos objetos, às palavras de afeto familiar. Histórias e contos são então coletados em um livro individual, disponível para ser pesquisado e eventualmente levado para casa, para reler e renovar junto com os pais os significados das descobertas e explorações em torno da própria biografia/biografia familiar.

A oficina começa com a leitura de um fragmento de um livro, por onde se entra nas histórias de cada criança. O livro é constituído ao longo do caminho, pois consiste em “páginas” que descrevem/documentam as experiências individuais, nas quais o percurso é articulado. Há um personagem transmissor, um pombo-correio, que atua como uma ponte e leva mensagem da escola para casa e vice-versa.

A história do nome: a primeira fase examina a história do próprio nome com a qual todos entraram na vida, por meio de jogos de conhecimento para permitir que as crianças se apresentem e narrem o que sabem e lembram sobre a história de seus nomes. Ao comparar semelhanças e diferenças, eles fazem descobertas linguísticas e aprendem como os nomes mudam em diferentes idiomas. O pombo-correio é uma imagem eficaz para o contato casa/escola por meio da transmissão de mensagens que as próprias crianças enviam aos pais sobre a origem e a história da escolha do nome de seu filho. Isso permitirá que se crie pequenos livros com a história do nome de cada criança.

Atrás da porta: A segunda etapa faz uso de leituras, onde as crianças são estimuladas a contar e a desenhar as portas de casa, como são feitas, quem está em casa e quem está esperando por eles, quem mora lá, odores e perfumes que as acolhem.

Os cômodos da casa: As crianças, nesta terceira etapa, têm a oportunidade de entrar nos cômodos da casa e explorá-los também por meio de algumas leituras que estimulam a narrativa. Isso permite ativar uma comparação com mundos diferentes e fascinantes que, muitas vezes, as crianças descobrem, tornando a atividade repleta de significados, até mesmo extralinguísticos. Essa atividade com crianças é combinada com o segundo questionário a ser enviado para casa, com perguntas abertas, através das quais os pais podem compartilhar memórias de seus lares de infância.

Objetos de casa: é a quarta etapa da oficina autobiográfica, momento no qual as crianças e pais escolhem os objetos da casa que estão ligados a uma história ou memória significativa. As histórias relacionadas às coisas do lar podem ser contadas pelos próprios filhos ou pelos pais. Ao final da descoberta/história, as crianças desenham os objetos.

Com os desenhos, constrói-se um dominó cujas peças, à semelhança das cartas narrativas, têm a função de fazer as crianças reconstruírem a história dos seus objetos preferidos.

Palavras que saem das chaminés: A quinta etapa do roteiro faz uso de outras leituras, para permitir que as crianças brinquem com as palavras que saem das chaminés da casa; uma proposta que visa trazer à tona as mais belas palavras sobre as “memórias de casa” que encontram ao ouvir a si mesmas e aos outros.

O fio da história: é o sexto e último estágio da jornada, em que o fio da história é enrolado e desenrolado. Nesse momento final as crianças são convidadas a contar as histórias que aprenderam, compartilharam, coletaram.

O projeto produziu, em termos científicos, artigos, publicações e exposições dos trabalhos realizados para refletir sobre os resultados alcançados. Além disso, o projeto terminou com uma reflexão sobre o impacto educacional na escola para crianças, professores e famílias que, através da prática da autobiografia, têm estreitado relações, incluindo crianças e famílias mais frágeis e ainda não integradas e têm permitido a todos participantes conhecerem outros mundos, com a intenção de implementar a colaboração entre escola e família e gerar redes e relações para o bem-estar na sala de aula de todos, sem exceção.

3.2. A escola que eu gostaria...

No seguimento da experiência com crianças em idade pré-escolar e para responder às necessidades das instituições de ensino de evidente desvantagem decorrente dos percursos migratórios, foi desenhada uma intervenção em rede (serviços públicos e privados) na mesma área para inclusão intercultural e autobiográfica na segunda fase do ensino fundamental (11 a 13 anos) através de percursos de narrativas de si (BENELLI; PONA, 2020). Em 2019, período que antecedeu a pandemia de covid-19, uma rede do mesmo território composta por serviços públicos e privados de educação, cultura e saúde, continuou a desenvolver o projeto, dirigido dessa vez para todo ensino fundamental. As escolas locais envolveram crianças de seis a treze anos com o mesmo objetivo de inclusão em sala de aula com métodos participativos, narrativos e autobiográficos (BENELLI; PONA, 2020).

O projeto, realizado a partir da formação de professores, teve duplo impacto: o primeiro em sala de aula, com os alunos mais isolados, silenciosos e com problemas importantes de inclusão, também pela dificuldade de expressão linguística, que tiveram

oportunidade de contar histórias, e fazerem se conhecer e participar com a classe na realização de um vídeo e de escrita comum. O segundo impacto foi a favor dos professores envolvidos, que experimentaram práticas inclusivas, participativas e narrativas que também se revelaram úteis no ensino diário, onde são chamados a gerir situações cada vez mais difíceis e muitas vezes na solidão.

O percurso denominado “A escola que eu gostaria...” é fruto de uma co-construção do projeto com professores de uma escola com a necessidade de acompanhar os alunos do 3º ano do segundo grau, a refletir, pensar para se orientar na escolha do ensino médio: um momento de pausa nas incertezas, medos, desejos e necessidades de cada um. Isso foi possível por meio do uso de entrevistas, vídeo-narrativas e ferramentas narrativas e participativas para a criação de um produto final: a escola ideal e as ideias de uma escola sob medida para os alunos. A criação de um texto com as vozes da rede interinstitucional, das escolas e dos alunos, foi o resultado final do projeto.

4. PALAVRAS FINAIS

Para concluir, podemos destacar que o valor de lembrar, contar, escrever e compartilhar histórias é destacado aqui para valorizar os fragmentos de histórias que surgiram em sala de aula.

Considero significativas as palavras de Marta, a professora que participou da experiência em sala de aula e que, ao final, escreve suas próprias considerações: “Também nós professores precisamos ser ouvidos, para falar do nosso compromisso, das nossas dificuldades, porque a nossa missão é formar os cidadãos de amanhã e garantir o sucesso educativo de cada um dos nossos alunos [...]. A abordagem autobiográfica com que educamos os alunos à escuta de si e dos outros, narrando e escrevendo sobre suas próprias experiências de vida a um grupo, que não julga mas acolhe, foi a ferramenta que lhes permitiu alcançar resultados importantes em termos de inclusão e melhoria do bem estar de todos”.

O percurso autobiográfico se revela necessário por propiciar um clima inclusivo e participativo em sala de aula, vivenciando assim o desenvolvimento de uma educação relacional, baseada na escuta (de si e dos outros), da comunidade com o propósito de construir uma comunidade educativa.

REFERÊNCIAS

- BENELLI, C. *Philippe Lejeune. Una vita per l'autobiografia*, Unicopli, Milano, 2006.
- BENELLI, C.; COPPOLA, P. *Despliegues acerca de la memoria: polifonías necesarias*, CRANN, Santiago del Chile, s/d.
- BENELLI, C.; GIJON, M. (a cura di), *(in) Tessere relazioni educative. Teorie e pratiche di inclusione in contesti di vulnerabilità*, Franco Angeli, Milano, 2020.
- BENELLI, C.; PONA, A. (a cura di), *Costruire sistemi inclusivi. Percorsi educativi, didattici ed etnoclinici nelle scuole plurali a Prato*, Anthology Digital Publishing, Prato, 2020.
- BIFFI. *Scritture adolescenti. Esperienze di scrittura nella scuola secondaria*, Erickson, Trento, 2010.
- BRUNER, J. *La ricerca del significato. Per una psicologia culturale*, Bollati Boringhieri, Torino, 1992.
- DEMETRIO, D. (a cura di), *Per una pedagogia e una didattica della scrittura*, Unicopli, Milano, 2007.
- DEMETRIO, D. *Educare è narrare. Le teorie, le pratiche, la cura*, Mimesis, Milano, 2012.
- DEMETRIO, D. *Raccontarsi. L'autobiografia come cura di sé*, Cortina, Milano 1996, p.10.
- DEMETRIO, D. *Ricordare a scuola. Fare memoria e didattica autobiografica*, Laterza, Roma-Bari, 2003.
- DESROCHE, H. *Entreprendre d'apprendre. D'une autobiographie raisonnée aux projets d'une recherche-action*. Éditions Ouvrières, Paris, 1990.
- DRAPERI, J.F. *Parcourir sa vie. Se former à l'autobiographie raisonnée*, Presses de l'économie sociale. Montreuil, 2011.
- FORMENTI, L.; GAMELLI, I. *Quella volta che ho imparato. La conoscenza di sé nei luoghi dell'educazione*, Cortina, Milano, 1998.
- JEDLOWSKI, P. *Storie comuni. La narrazione nella vita quotidiana*, Mondadori, Milano, 2000, p. 3.
- KANEKLIN, C.; SCURATTI, G. *Formazione e narrazione*, Cortina, Milano, 1998.
- LEJEUNE, P. *Il patto autobiografico*, Il Mulino, Bologna, 1986.
- MORONI, I. *Bambini e adulti si raccontano. Formazione e ricerca autobiografica a scuola*, Franco Angeli, Milano, 2006.
- POLSTER, E. *Ogni vita merita un romanzo. Quando raccontarsi è terapia*. Astrolabio, Roma, 1988.
- SMORTI, A. *Costruzione di storie e sviluppo della conoscenza sociale*, Giunti, Firenze, 1994.